

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

TORTATO, GÉSSICA¹

AMARAL, JULY VEIGA²

Orientador: MARTINS, ALEXANDRE³

RESUMO

Este artigo visa esclarecer a importância da Filosofia para alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, e o quanto pode contribuir para a formação da criança e do adolescente. Utilizamos vários autores dentre eles Jerome Bruner o qual contribuiu com explicações sobre como a mente funciona com base na ciência cognitiva, já o autor Matthew Lipman propõe repensar uma educação que possibilite a autonomia do aluno por meio da prática filosófica e para somar a proposta de Lipman agregamos alguns pensamentos de Paulo Freire sobre as questões políticas que influenciam na educação.

Palavras-chave: Cognição. Filosofia. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz reflexões sobre a importância de iniciar a filosofia desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental, para que a criança possa desenvolver o hábito da prática filosófica em todas as fases de sua vida, e quais as contribuições significativas iniciais para a formação integral, abrangendo desde o seu desenvolvimento cognitivo, a sua valorização enquanto ser histórico, social, democrático e político.

De acordo com a situação em que o Brasil se encontra, em meio a tantas reformas educacionais, que ao invés de avançar a educação tem retrocedido, há muitos questionamentos sobre a relevância de determinadas disciplinas como a filosofia que estão tentando extinguir. Ao pensar em colocar a filosofia para as crianças proporcionando a liberdade de expressar seus pensamentos, críticas, ideias desde cedo, o motivando a criança a

¹Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

² Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

³ Mestre em Filosofia pela PUCPR. Professor do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

ter autonomia, incentivando a questionar, instigando a ser pesquisadores, podemos então ter outros modelos de cidadãos.

As políticas educacionais brasileiras não estão preocupadas em formar os indivíduos para serem participantes ativos na construção da sociedade e sim tem a intenção de formar cidadãos passivos, não pensantes, mecanizados, ou seja, uma grande massa de produção de mão de obra barata está voltando a corrente teórica tecnicista. Portanto é de extrema importância trabalhar a filosofia, pois isso fará com que os alunos evoluam intelectualmente e adquiram o hábito de questionar, refletir, criticar, entre outras ações que irão formar cidadãos leitores, ativos, capazes de promover a mudança na sociedade.

Contamos com a contribuição científica para sustentar a capacidade cognitiva que a criança tem para aprender e desenvolver seus conhecimentos. Para isso fundamentamos o artigo com base nas teorias de Jerome Bruner, um cientista cognitivo que afirma o potencial ilimitado que a criança tem ao desenvolver seus conhecimentos a partir de qualquer situação ou assunto apresentado.

A filosofia para crianças é uma filosofia adaptada, criada por Matthew Lipman um filósofo que percebeu essa necessidade, quando identificou que seus alunos universitários apresentavam grande dificuldade quando eram expostos a refletir. Com isso, Lipman acreditava que a filosofia desde a mais tenra idade, teria uma grande contribuição para a formação do pensamento crítico, reflexivo e na construção de seus próprios conhecimentos.

E para somar com os ideais de Lipman contamos com as contribuições de Paulo Freire e suas críticas a uma educação que ainda encontra-se dentro dos padrões tradicionais de ensino, fazemos uma relação entre esses dois teóricos filósofos, abordando as contribuições, dificuldades encontradas em nosso sistema de ensino para inserir a Filosofia e obter uma educação de qualidade.

O desenvolvimento metodológico deste artigo ocorreu por meio de pesquisas e análises bibliográficas em obras de vários autores, entretanto os principais escolhidos para fundamentar são: Jerome Bruner, Matthew Lipman e Paulo Freire que possibilitaram a compreensão sobre a importância da filosofia para crianças e a contribuição para a evolução intelectual e social do aluno, o qual proporciona autonomia para exercício de cidadania responsável.

2 COMO A MENTE FUNCIONA

No decorrer da história a ciência tem avançado em vários aspectos, por volta de 1950 até os dias atuais, com ênfase na ciência cognitiva obtivemos grandes avanços, teóricos de

diversas áreas como filósofos, psicólogos, linguistas, profissionais da informática entre outros, têm abordado pesquisas que se referem às teorias da mente, no qual sua complexidade tem gerado muitas opiniões e divergências, que percorrem por diversas correntes teóricas desde a perspectiva inatista, evolucionista, sociointeracionista até equiparar o funcionamento da mente a um processo computacional.

Buscando entender como a mente do ser humano funciona e como ocorrem os processos de aprendizagem, alguns pesquisadores como Turing, Dennett, Searle, Gardner, Lakoff, Fodor, Pinker, Chomsky e Bruner, tentaram esclarecer por meio de suas teorias como ocorre o desenvolvimento cognitivo dos seres humanos.

Alguns autores tendem a corrente inatista como Jerry Fodor com sua *Teoria Modular*, entendia que os processos de aprendizagem ocorrem de forma biológica, entretanto há teóricos com perspectivas diferentes como Steven Pinker que defendeu a teoria computacional da mente. Já o linguista Noam Chomsky defendeu a ideia que o ser humano é um ser predisposto linguagem, é considerado a principal ferramenta para o desenvolvimento humano. Em uma breve descrição apresentaremos a ideia principal desses autores.

Avram Noam Chomsky é um linguista renomado, além disso, também é filósofo e cientista cognitivo, defendeu a teoria gerativa, o qual mencionava que o ser humano gera sentenças gramaticais, mesmo que não tenham obtido nenhum contato com a linguagem já possui uma gramática universal inata.

Chomsky desenvolveu sua concepção inatista da linguagem partindo da constatação de que o ser humano possui, congenitamente, uma evidente inclinação para aprender uma língua: um dispositivo de aquisição da linguagem que facilita sua aquisição. Os humanos teriam uma estrutura biologicamente “pré-configurada” que os tornaria aptos a adquirir linguagem (CANDIOTTO, 2008, p. 4).

O americano e cientista cognitivo Jerry Fodor defendeu a *Teoria Modular da Mente*, argumentou que a estrutura cerebral está organizada em módulos, e cada módulo tem sua função que corresponde a uma “central de comandos”, entretanto os módulos são independentes. Fodor acreditava que ao nascer o indivíduo já possui esse sistema embutido em seu processo cerebral, nesse sentido Candiotta disse que, “Fodor (2008, p. 5), entendia que cada um destes módulos possui uma forma de funcionamento inato e não aprendido. O que ocorre ao longo de nossas vidas é uma adaptação destes módulos ao ambiente, possibilitando a aprendizagem”.

Steven Pinker é psicólogo e linguista norte americano, defendeu a teoria computacional da mente, o qual pode se entender que o corpo e a mente funcionam como determinadas partes de um computador. Pinker argumentou que as emoções têm um papel

importante para a aprendizagem, mas também ressaltou que o cérebro tem uma espécie de programação para o aprender.

[...] a mente é um sistema de órgãos de computação, projetados pela seleção natural para resolver os tipos de problemas que nossos ancestrais enfrentavam em sua vida de coletores de alimentos, em especial entender e superar em estratégia os objetos, animais, plantas e outras pessoas [...]. A mente é o que o cérebro faz; especificamente, o cérebro processa informações, e pensar é um tipo de computação (PINKER, 2001 p. 32).

Todos os autores acima mencionados têm uma relevância essencial ao que diz respeito aos estudos sobre o funcionamento da mente, no entanto por uma intenção epistemológica este artigo está embasado em um primeiro momento nos fundamentos teóricos de Jerome Seymour Bruner.

Bruner era formado em psicologia e foi um dos precursores da Revolução Cognitiva, no ano de 1945 tornou-se professor e fundou o Centro de Estudos Cognitivos na Universidade de Harvard, sempre esteve ativo no que diz respeito à ciência cognitiva e desafiou a *Teoria Behaviorista*. Defendeu várias teorias ao longo dos seus 100 anos de vida, entretanto em pesquisas não se ateu somente assuntos relacionados à ciência, conquistou grande destaque por se dedicar à educação, o qual foi muito aclamado por suas pesquisas e métodos que contribuíram positivamente para o processo educacional.

O que podemos dizer psicologicamente sobre tais realidades psicológicas? Novamente, eu afirmaria que o problema consiste em explicar os processos psicológicos que as constituem - na psicologia, na antropologia, na observação cotidiana. Processos psicológicos “padrão” como percepção, inferência, memória, pensamento são capazes de explicar as realidades construídas? A questão não é se dois conjuntos de processos produzem dois mundos diferentes, mas como quaisquer processos poderiam produzir as construções do mundo que encontramos (BRUNER, 1998, p. 94).

Assim como na primeira revolução científica cognitiva em meio a tantas opiniões diferentes Jerome Bruner obteve seu destaque, por ter sido um dos líderes a incitar a pesquisa, e na segunda revolução apresentou uma nova perspectiva chamada de *Psicologia Cultural*, fazendo um esclarecimento sobre a junção do ser biológico e do meio cultural na constituição do sujeito. Inteirando a este processo ele propôs a *Psicologia Popular* a qual irá proporcionar o conhecimento que envolve emoções, crenças, culturas, ou seja, um conhecimento mais amplo do contexto em que o indivíduo está inserido e vivência.

Bruner possibilitou em sua teoria a reflexão de que, se o desenvolvimento ocorre por meio do ser humano somente como ser biológico, seria o mesmo que limitar as fontes de conhecimento. Até porque, o ambiente tem grande influência na construção intelectual e

social do indivíduo, e a cultura tem poder significativo não só como fonte de conhecimento, mas também de experiência e consequentemente a aprendizagem.

[...] a “realidade” da maior parte de nós é constituída, *grosso modo*, de duas esferas: a da natureza e a dos negócios humanos, sendo aquela parece ser mais estruturada no modo mais paradigmático da lógica e da ciência, e a dos negócios humanos no modo da narrativa. Esta é centrada em torno do drama das intenções humanas e de suas vicissitudes; a primeira em torno da ideia ao mesmo tempo convincente e natural de causalidade. A realidade subjetiva que constitui a ideia que um indivíduo tem de seu mundo é dividida, a grosso modo, em natural e humana (BRUNER, 1997, p. 93).

Assim como várias teorias receberam críticas, a ideia de como a cultura pode influenciar na evolução cognitiva também trouxe certo desconforto, mas Bruner por meio suas pesquisas fundamentadas com base em outras ciências como a do campo neurológico conseguiu demonstrar com sucesso em sua tese da *Mente Social* sobre essa evolução que se dá pela contribuição da cultura. Nesse sentido Bruner acreditava em outro fator fundamental para o avanço cognitivo, a linguagem enquanto ferramenta para o desenvolvimento humano e sociocultural.

Nessa perspectiva é possível encontrar semelhanças entre Bruner e as teorias sociointeracionistas de Lev Vygotsky, autor este que acreditava ser por meio da linguagem que o indivíduo se desenvolve, interage e produz cultura.

A natureza do próprio desenvolvimento transforma-se, do biológico no sócio histórico. O pensamento verbal não é uma forma natural de comportamento inata, mas é determinado pelo processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais do pensamento e do discurso. [...] problema do pensamento e linguagem estende-se, portanto, para além dos limites da ciência natural e torna-se no problema focal da psicologia humana histórica, ou seja, da psicologia social (VYGOTSKY, 2008, p. 63).

De um modo amplo o ser humano é constituído pela história, ou seja, com o passar do tempo entende-se que as informações obtidas formam a história da humanidade. Enquanto o indivíduo sobrevive, se relaciona e utiliza linguagem, seja oral ou corporal é aí que passa a existir a troca de experiências, se expressam de diversas formas, e isso consequentemente traz a evolução e formam novas culturas.

Por isso, a Psicologia Humana não pode ser dissociada da *Psicologia Cultural*, pois ambas devem estudar o sujeito considerando as partes iguais, a conexão entre a cognição e as emoções, estão diretamente ligadas ao desenvolvimento da aprendizagem, ou seja, o indivíduo é constituído por sua genética que causa influência no seu desenvolvimento, assim como o meio interfere na construção intelectual do mesmo, pois além da parte biológica que naturalmente indica que o ser é predisposto a aprender, é preciso considerar os fatores

externos, nos quais vivenciam dia após dia, adquirindo experiência e conseqüentemente internalizando e construindo novos conhecimentos.

Para que a psicologia avance na compreensão da natureza e da condição humanas, ela deve aprender a entender a interação sutil da biologia com a cultura. A cultura é provavelmente o último grande truque evolutivo da biologia. Ela liberta o *Homo sapiens* de modo que este pode construir um mundo simbólico suficientemente flexível para atender às necessidades locais e se adaptar a uma infinidade de circunstâncias ambientais. Tentei mostrar como a capacidade de intersubjetividade do homem é fundamental nesta adaptação cultural. Ao fazê-lo, espero ter deixado claro que, embora o mundo da cultura tenha atingido uma autonomia própria, ele é restrito por limites biológicos e por predisposições biologicamente determinadas. Então, o dilema do estudo do homem é compreender não apenas os princípios causais de sua biologia e de sua evolução, mas entendê-los à luz dos processos interpretativos envolvidos na extração de significado. Desdenhar o poder da cultura em moldar a mente do homem e abandonar nossos esforços de fazer com que este poder passe para o controle humano é um ato de suicídio moral (BRUNER, 2001, p. 171).

Bruner tinha uma visão de futuro não só para ciência, mas também para a educação, esse autor argumentou que o conhecimento não é construído apenas pela ciência, mas também por aspectos naturais, sociais, emocionais e culturais do meio, ou seja, de forma ampla como: crenças, sentimentos, estímulo, ambiente, onde o indivíduo está inserido.

Para Bruner a educação é muito mais que apenas um conjunto de informações transmitidas, como acontece em uma abordagem tradicional, pois para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma satisfatória é preciso considerar a realidade do sujeito. Bruner (1978, p. 85), afirmava que, “para comunicar conhecimento e oferecer um modelo de competência, o professor deve ter liberdade para ensinar e para aprender”, sendo assim, entende-se que a aprendizagem se sincretiza a partir de uma relação de troca com o meio.

Bruner se preocupava também com as questões tecnológicas, até porque trabalhou certo tempo no Corpo da Inteligência dos Estados Unidos. Portanto, conhecia os avanços dos armamentos, e os possíveis danos o qual poderia causar para humanidade. Sua teoria instrumentalismo evolucionista mostrou o quanto a tecnologia poderia agregar e destruir simultaneamente a humanidade.

Avançamos bastante em termos tecnológicos, em força armamentista e no domínio dos mais pobres pelos mais ricos. Estamos à beira da destruição do nosso planeta; estamos sem perspectiva de futuro. Como, então, falarmos de uma teoria de desenvolvimento do ser humano, quando a “imaginação cultural” das pessoas teme que não haja futuro? Desenvolvimento está intrinsecamente ligado a um olhar sobre o futuro (FERREIRA, 2003, p. 3).

A educação está envolvida em vários aspectos na vida do indivíduo, desde a cultura até influências políticas, ou seja, a educação não é neutra, e sim sempre induzida por algo, assim a educação escolar é uma extensão da educação da sociedade, no entanto Bruner propôs

a partir de sua *Teoria da Aprendizagem por Descoberta*, uma educação que priorizasse a liberdade para a criança construir o seu próprio conhecimento.

Bruner além de psicólogo também era pedagogo, e foi muito evidenciado em suas abordagens educacionais, trouxe pesquisas que alavancaram o âmbito educacional. Ao estudar diversos campos da psicologia pôde observar que poderia utilizar seus conhecimentos para proporcionar contribuições expressivas para o processo de ensino, a partir de uma suas obras como *O Processo da Educação* criou uma teoria de aprendizagem na qual foi construída a partir de suas teorias cognitivas.

Além da teoria da descoberta, formulou um tipo de aprendizagem onde o aluno poderia retomar o que foi aprendido para obter um melhor aproveitamento.

O conceito de aprendizagem em espiral pode enunciar-se da seguinte forma: qualquer ciência pode ser ensinada, pelo menos nas suas formas mais simples, a alunos de todas as idades, uma vez que os mesmos tópicos serão, posteriormente, retomados e aprofundados mais tarde (ROLDÃO, 1994, p. 63).

Assim como Bruner, Vygotsky acreditava que a linguagem e a interação com o meio são fundamentais para a evolução do ser, por isso em suas teorias abordava questões sobre o papel da mediação na aprendizagem. Neste caso a principal ferramenta para essa mediação é o professor, por isso é preciso à intervenção sem que esta se torne invasiva na construção do pensamento, ou seja, que o professor não apresente o conhecimento pronto e sim situações problemas que façam com que o aprendiz sintetize seus pensamentos e crie suas próprias soluções.

O aprendizado é mais do que aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção; ao invés disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas (VYGOTSKY, 1996, p. 108).

Bruner acreditava que as crianças não têm uma limitação relacionada à aprendizagem, ou seja, qualquer criança tem a capacidade para aprender desde que o profissional esteja qualificado para ensinar. Um dos conceitos utilizados por Bruner é o *scaffolding* (andaimes), onde o professor fornece o suporte adequado para que a criança possa alavancar seus conhecimentos, por isso é preciso levar em consideração o os conhecimentos já existentes para poder iniciar o processo de aprendizagem. Segundo Bruner (1978, p. 31), “qualquer assunto pode ser ensinado com eficiência, de alguma forma intelectualmente honesta, a qualquer criança, em qualquer estágio de desenvolvimento”.

É na infância que acontecem as constantes descobertas que são essenciais para o desenvolvimento, seja ele intelectual ou social, no entanto muitos dos professores responsáveis por mediar o processo das descobertas não estão preparados, e acabam por mecanizar o ensino e bloquear o desenvolvimento de um pensamento crítico, reflexivo e criativo, nesse sentido, o professor precisa dar à criança liberdade e autonomia para que essa possa organizar seu pensamento ao refletir, buscar, questionar, e assim poder criar seus conceitos e opiniões.

Alguns profissionais envolvidos com a área da educação e da psicologia acreditam na ideia de que o cérebro da criança funciona como uma esponja, e isso seria o mesmo que comparar a criança a um depósito de informações. De acordo com Nolte e Harris (2009, p. 15), “as crianças são como esponjas, absorvem tudo o que fazemos e tudo o que dizemos. Aprendem conosco o tempo todo, mesmo quando não damos conta de que estamos ensinando”.

É possível que a criança tenha essa grande capacidade de absorver tudo, mas também é viável pensar muito além, pois a criança tem a capacidade de criar, de construir o seu próprio conhecimento. Entretanto, de acordo com alguns neurocientistas não há uma “receita” específica para compreender o processo da mente. Sobretudo, as pesquisas relacionadas às teorias da mente são incessantes, há muitas áreas a serem descobertas, pois enquanto houver evolução haverá uma ciência a ser descoberta.

O teórico Matthew Lipman, assim como Bruner acreditava que é preciso investir em uma educação que proporcione autonomia e liberdade para crianças, portanto em 1960 desenvolveu um programa de filosofia para crianças, o qual é também conhecido como a “educação para o pensar”, Lipman proporcionou o embasamento necessário para entender o quanto a Filosofia pode contribuir para a formação intelectual e social do indivíduo, e é nessa perspectiva a qual abordaremos dando continuidade a pesquisa.

3 FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Para refletir sobre a filosofia para crianças é preciso entendê-la, pois a filosofia tem várias vertentes, como história da filosofia que é direcionada a uma disciplina, a filosofia antiga, medieval, moderna, contemporânea, dentre várias outras. De acordo com Chauí (2010), há alguns relatos de pesquisadores que a filosofia surgiu entre os séculos VII e VI a.C. em território grego, mais precisamente na cidade de Mileto, e o homem a ser reconhecido com o título de primeiro filósofo foi Tales de Mileto.

Desde então a procura pelo saber tinha uma nova denominação, intitulada por Pitágoras, a Filosofia surge do descontentamento de algumas explicações que eram baseadas em tradições antigas, que já não mais satisfaziam as indagações. Muitas das “verdades” eram restritas, ou seja, o conhecimento não era compartilhado, com isso os indivíduos da época começaram a perceber que por meio de suas próprias reflexões poderiam construir novos conhecimentos e compartilhá-lo, assim muitos mitos começaram a ser desvendados. Pitágoras dizia que,

A verdade não pertence a ninguém (para ser comerciada) nem é um prêmio conquistado por competição. Ela está diante de todos nós como algo a ser procurado e é encontrada por todos aqueles que a desejarem, que tiverem olhos para vê-la e coragem para buscá-la (CHAUI, 2010, p. 25).

A Filosofia tem por característica incitar questionamentos, o filósofo Sócrates tinha essa habilidade de trazer instabilidade e desconforto nas pessoas que conviviam próximo a ele, semeava a dúvida por meio de suas indagações intrigantes, a qual faziam as pessoas refletirem e concluírem que realmente não obtinham o saber do que aparentemente diziam saber. A autora Marilena Chauí lembrou os passos de Sócrates em relação às perguntas,

A pergunta “O que é?” era o questionamento sobre a realidade essencial e profunda de uma coisa para além das aparências e contra as aparências. Com a pergunta, Sócrates levava os atenienses a descobrir diferença entre parecer e ser, entre mera crença ou opinião e verdade. [...] os combates socráticos eram também combates mentais ou de pensamentos. E enfureceram de tal maneira os poderosos de Atenas= que Sócrates foi condenado à morte acusado de espalhar dúvidas sobre as ideias e os valores atenienses corrompendo a juventude (CHAUI, 2010, p. 11).

A maioria das crianças tem grandes semelhanças com os filósofos antigos inclusive com Sócrates, o que coincidem entre elas são as indagações, a formação de opinião crítica, criar possíveis soluções para situações do cotidiano. Segundo Matthews (1999, p. 37), “o raciocínio filosófico das crianças com frequência lembra o raciocínio de Platão, Descartes, Bertrand Russel e outros grandes pensadores da história da filosofia”.

As crianças são curiosas por natureza, querem saber o porquê dos porquês, com muita frequência questionam e se interessam pelas novas descobertas, buscam a todo o instante saber sobre algo. Elas têm um instinto filosófico, uma mente mais aberta aos novos conhecimentos que possibilita pensamentos ilimitados.

Assim como um gato pode ser mais prontamente encorajado a buscar a saída de uma caixa se o mecanismo de tranca for operado por um cordão ao invés de uma chave, assim uma criança é mais rapidamente encorajada a participar da educação se esta enfatizar a discussão em vez de exercícios monótonos com papel e caneta. A discussão, por sua vez, aguça o raciocínio e as habilidades de investigação das crianças como nenhuma outra coisa pode fazer (LIPMAN, 1990, p. 41).

A criança geralmente é mais flexível ao ser convidada a uma reflexão, mas infelizmente os adultos sempre colocam obstáculos para não responder, subestimam muito a capacidade de raciocínio da criança, esses pequenos “filósofos” são bloqueados, por falta de tempo ou paciência dos adultos, no início da vida escolar onde são obrigados a entrar em um sistema de ensino, o qual prevê alunos com comportamentos passivos, e futuramente adultos moldados e alienados.

No entanto, há vários autores como Jerome Bruner, Ruben Alves, Jean Paul Sartre, Anne Sharp, Walter Kohan que teorizaram sobre as crianças terem uma facilidade e uma sede em aprender muito maior do que os adultos muitas vezes.

Se me perguntassem por que me envolvi na idéia de que as crianças façam filosofia, diria que é porque me sinto ofendida com a idéia de que tratamos crianças como se fossem depósitos e as mutilamos até que sejam maiores de idade. Elas fazem dezoito anos e continuam utilizando palavras como amor, amizade sem saber do que estão falando (SHARP, 1998, p. 17).

Ao pensar em colocar a filosofia para as crianças proporcionando a liberdade de expressar seus pensamentos, críticas, ideias desde cedo, o motivando a ter autonomia, incentivando-o a questionar, instigar a pesquisa, pode se então a partir disso construir uma sociedade mais responsável. Inserir a filosofia na vida das crianças proporcionará possibilidades infinitas em relação a uma sociedade que investe na educação.

Serão as crianças que construirão suas filosofias e seus modos de produzi-las. Não é mostrando que as crianças podem pensar como adultos que vamos revogar o desterro de sua voz. Pelo contrário, nesse caso haveremos cooptado, o que constitui uma outra forma de silenciá-las. Seria mais adequado preparar-nos para escutar uma voz diferente como expressão de uma filosofia diferente, uma razão diferente, uma teoria do conhecimento diferente, uma ética diferente e uma política diferente: aquela voz historicamente silenciada pelo simples fato de emanar de pessoas estigmatizadas na categoria de não adultos (KOHAN, 1999, p. 70).

É preciso adentrar no mundo da criança para compreender que, o pensar de um adulto e uma criança são diferentes, de um lado um adulto vivido e seu pensamento manipulado corrompido pela sociedade, de outro a criança que tudo explora e se encanta com cada nova descoberta, e são essas novas descobertas que muitas vezes intrigam as crianças, e as estimulam a sempre buscar mais. Ao trabalhar filosofia com as crianças, é preciso proporcionar questionamentos que irão exigir reflexões, e de como se dá o seu comportamento diante de situações cotidianas que envolvem várias atitudes sobre discussões, argumentações, atitudes que exigem respeito, paciência, empatia com as pessoas que convive.

Esta ideia de propor uma filosofia para as crianças surgiu sob a influência de um grande filósofo americano, que nasceu no ano de 1922 em Nova Jersey chamado Matthew

Lipman, o qual foi o precursor deste tipo de filosofia. Lipman lecionava aulas de filosofia relacionada à lógica na Universidade de Columbia, e foi nessa época que pode perceber a dificuldade que seus alunos apresentavam quando proporcionou atividades que exigiam a reflexão. Sobre isso Lipman (2001, p. 5), mencionou “que as crianças pensam de forma tão natural quanto falam ou respiram – disso eu não tinha dúvida. Mas como ajudá-las a pensar bem?”.

Foi então que Lipman começou a pensar no por que dessas dificuldades, o qual despertou seu interesse buscando respostas por meio de suas observações, como a dificuldade de um professor que tentava ensinar algumas crianças que obtinham problemas neurológicos, e com a sugestão de Lipman ao inserir a lógica em seus métodos o professor obteve êxito, e isso reforçava a certeza de que as crianças tinham a capacidade de aprender a filosofar, e assim decidiu colocar em prática suas ideias.

Ao ajudar as crianças a aprenderem como raciocinar juntas, nós lhes damos uma amostra do que pode ser comunidade. Se falharmos em reforçar isso, elas podem ficar marcadas para o resto de suas vidas, com essa fraqueza: uma compreensão empobrecida dos méritos e benefícios genuínos da democracia participativa (LIPMAN, 1990, p. 88).

Foi por volta de 1960 que Lipman criou um programa de filosofia para crianças, no qual inicialmente foi chamada de Pedagogia da Comunidade de Investigação. Para ele a filosofia é acessível para os pequenos, além de ser um fio condutor o qual proporciona que as crianças sejam mais críticas, mais reflexivas, investigadoras, e nesse sentido, a filosofia é uma ferramenta que auxilia a criança a pensar por si própria e a desenvolver seu raciocínio.

Em 1969 dando continuidade ao seu trabalho iniciou a elaboração dos materiais didáticos para o programa escrevendo novelas filosóficas, uma espécie de problemática para que as crianças possam vivenciá-las na prática, refletindo e buscando possíveis soluções para determinadas situações, a sua primeira obra foi Harry Stottlemeier’s Discovery. A proposta de Lipman para a educação tinha o intuito de promover uma mudança educacional, pois a maneira como elas eram ministradas não proporcionava um desenvolvimento cognitivo, suas habilidades eram limitadas, até porque seu conhecimento era obtido em forma de transmissão e não construção.

Lipman ficou conhecido em diversos países após fundar em 1972 com a ajuda de Anne Sharp o IAPC (Instituto para o Desenvolvimento da Filosofia para Crianças).

A entidade ajudou a promover a implantação do método em centros regionais de mais de 30 países, entre eles: França, Inglaterra, Alemanha, Rússia, Islândia, Portugal, Espanha, Austrália, Egito, Canadá, México, Chile, Argentina, Brasil, Colômbia, Guatemala, Nigéria, Zimbábue, Israel, Jordânia, Taiwan e Coreia do Sul.

Este instituto forma educadores de todo o mundo. Lipman publicou 23 livros e mais de cem artigos em revistas especializadas em educação. A sua biografia e o seu trabalho foram tema de um documentário (“Sócrates para Crianças”) produzido em 1990 pela BBC, como um dos episódios da série “Os Transformadores”. Lipman visitou o Brasil em julho de 1994, por ocasião do “1º Encontro Nacional de Educação para o Pensar” (RODRIGUES, 2015).

Ao desenvolver esse programa o qual também chamou de “educação para o pensar”, Lipman acreditava que o adulto tinha o seu pensamento mais fechado, justamente pela forma de aprendizagem obtida. Na fase adulta o indivíduo já obtém muitos valores, acreditam fielmente em suas certezas, não tem uma flexibilidade para aceitar os desafios de um novo saber. Por isso, Lipman (1995, p. 44), fez uma reflexão sobre a aprendizagem, “a mudança do aprender para o pensar. Queremos alunos que pensem por si mesmos, e não alunos que só aprendam o que outras pessoas pensaram”.

Já as crianças têm em si uma característica própria filosófica para a observação, assim como Platão e Aristóteles que tem como princípio a admiração, observar o simples, e questioná-lo, elas estão incessantemente à busca de conhecimento, pelo simples fato de admitir o não saber de muitas coisas é o que os torna praticantes da filosofia, mesmo de forma inconsciente.

A filosofia é a busca do saber a ser compartilhado, debatido, confrontado e não um amontoado de informações e conhecimentos guardados para si. Se a filosofia estiver presente desde os primeiros anos da vida escolar da criança, pode se obter a oportunidade de um futuro constituído por pessoas reflexivas e mais conscientes de seus atos. Sendo assim, a filosofia para crianças vai muito além de uma construção pessoal, mas também social.

Uma outra aplicação da FPC, desta vez no âmbito de um programa de prevenção à violência na pré-escola, permite às crianças de cinco anos compreender melhor suas emoções e a compreendê-las em uma perspectiva mais socializante.* Sabendo que a má gestão dessas emoções é uma das fontes da violência, o trabalho cognitivo sobre as emoções é fundamental. Ele permite também estimular o julgamento dessas crianças de maneira mais autônoma e mais empática* e sensibilizá-las para que sejam capazes de reconhecer manifestações mais sutis da violência (por exemplo, a violência verbal ou psicológica).* A filosofia é então preventiva (LELEUX *et al*, 2008, p. 47).

Portanto, a filosofia e sua prática tende a proporcionar uma convivência social democrática, a ideia é proporcionar um bom convívio social desde muito cedo, e pensando nisso porque não transformar algumas atitudes primitivas da criança, mostrando para elas a importância do diálogo, de saber ouvir, de argumentar.

Uma filosofia para crianças e jovens não estaria preocupada em formar discípulos para perpetuar uma certa corrente filosófica, uma certa visão de mundo, mas para ajudar a pensar e a transformar o mundo. Conceber a filosofia como uma

especialidade é derrotá-la antes mesmo de iniciar a batalha por ela (GADOTTI, 2000, p. 28).

O professor que irá estimular o pensamento filosófico precisa ter um conhecimento sobre esta Filosofia “adaptada” para as crianças, precisa trazer assuntos do contexto macro, ou seja, de mundo, e colocar em um contexto micro que seria o ambiente escolar, relacionando com o cotidiano do aluno, nesse sentido o professor não deve se prender as propostas de currículo, ou até mesmo ser fiel às novelas filosóficas, precisa direcionar a criança a entender o mundo e ter uma visão de si dentro do mundo.

Por isso, é importante fazer com que a criança pense no que está estudando, e tentar compreender se o ensino dos conteúdos escolares serão o suficiente ou se são só norteadores para o seu desenvolvimento integral enquanto cidadão.

Se as conversas, os diálogos, estabelecidos com as crianças, forem apenas uma troca de opiniões, isso não indica um debate filosófico. Reconhecemos se uma troca de idéias é filosófica, analisando se os temas são da alçada da filosofia e se estão sendo usadas as ferramentas da indagação filosófica: as habilidades de raciocínio, o diálogo de auto-avaliação e a reflexão em torno dos diferentes assuntos. O debate em curso deve exigir capacidade de raciocínio e chegar a diferentes modelos de fazer, dizer e agir (INCONTRE, 2003, p. 4).

A filosofia proporciona reflexões que tratam dos assuntos mais complexos da humanidade, auxilia compreender a sua mente e a sua essência, a prática de filosofar deve ser assídua. Nesse sentido, é possível que futuramente ocorram mudanças sobre questões de pré-conceito que fazem em relação ao povo brasileiro, e que muitas vezes parte dos nossos próprios líderes governantes, a ideia de que as pessoas principalmente as menos favorecidas financeiramente, não precisam aprender, estudar, crescer intelectualmente, e sim apenas produzir, gerar lucros para que a economia do país cresça.

A intenção dessa proposta de Lipman é de certa forma uma mudança de curto e longo prazo, pois fará com que o indivíduo possa evoluir intelectualmente e se preparar para desmistificar a visão de algumas pessoas que ainda enxergam a população brasileira como os primeiros índios selvagens que aceitavam tudo que lhes era proposto de forma passiva por falta de conhecimento.

3.1 FILOSOFIA NA BASE DA EDUCAÇÃO

O programa de Matthew Lipman foi difundido em diversos países dentre eles o Brasil, o qual foi divulgado inicialmente por Catherine Young Silva nascida em 1943 na América do Norte, porém se naturalizou brasileira, Young foi professora de filosofia se graduou na USP e na PUC em São Paulo e realizou seu mestrado no IAPC em Montclair State University.

Catherine obteve acesso aos materiais utilizados no Programa desenvolvido por Lipman, entretanto teve a liberdade de fazer adaptações para poder aplicar no Brasil, pois ela entendia que o programa não era algo a ser seguido rigorosamente, e sim levar em conta o contexto em que o aluno estaria vivenciando, por isso a professora Young teve a ajuda de vários professores para fazer as traduções dos livros relacionados ao programa de Lipman, como Lorieri, Falconi e Mandel.

O programa filosofia para criança foi se difundindo no Brasil após a criação do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), inaugurado no ano de 1985 por Young, um dos objetivos do centro era de capacitar os professores para a educação do pensar bem.

Nossa experiência do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças vem demonstrando que a filosofia abre novos horizontes não apenas as crianças que estudam como também aos professores que ministram as aulas. Quando os professores abrem mão de sua tradicional postura como autoridade do saber, eles participam integralmente com seus alunos nas discussões filosóficas. Opera-se uma transformação na sala de aula: o processo de aprendizagem é compartilhado, por todos e torna-se aquilo que efetivamente deveria ser, ou seja, a busca do significado (SILVA, 1990, p. 11).

O CBFC foi desativado no ano de 2010 dando lugar ao IFEP (Instituto de Filosofia e Educação para o Pensar), o qual oferece vários cursos relacionados à Filosofia para Crianças desde formação de docentes, congressos, tanto para professores quanto para alunos, cursos EAD e presenciais, diversos materiais didáticos para intensificar a formação do profissional.

Desenvolver o ensino, a pesquisa, a produção e a edição de práticas filosóficas e educacionais, especialmente obras teóricas, tecnologias alternativas, programas, metodologias e materiais didáticos, bem como prestação de serviços com foco no ensino do Filosofar (IFEP, 1995).

A criação do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças e também o Instituto de Filosofia e Educação para o Pensar foram essenciais para disseminar o programa de filosofia para crianças, com isso vários professores e filósofos estão redirecionando o seus trabalhos para um novo público, ou seja, crianças e adolescentes, o qual tem mostrado mais interesse pela leitura do que os próprios adultos.

As histórias para as crianças são mercadorias preciosas – bens espirituais. Constituem a espécie de bens de que não despojamos ninguém ao torná-los nossos. As crianças adoram os personagens de ficção das histórias que leem: apropriam-se deles como amigos – como companheiros semi-imaginários. Dando às crianças histórias de que se apropriar e significados a compartilhar, proporcionamo-lhes outros mundos em que viver – outros reinos em que habitar (LIPMAN, 2002, p. 62).

Pensando nesse pressuposto há vários autores lançando obras voltadas à filosofia, são obras que adaptam conteúdos filosóficos e cotidianos com uma linguagem flexível para que as

crianças e adolescentes possam se interessar, e a partir disso refletir sobre os temas abordados. Dentre estes autores encontramos o filósofo, professor universitário e escritor Mário Sérgio Cortella que em parceria com o cartunista Maurício de Souza, elaborou o livro “Vamos Pensar Um Pouco?”, abordando junto com os personagens da Turma da Mônica, temas e situações que precisam ser pensados, levando as crianças e adolescentes a refletirem.

Um outro livro escrito por Cortella que também é para o público pré adolescente, é “O que é a pergunta?” trata de assuntos relacionados as curiosidades e descobertas de certos assuntos que ocorrem no cotidiano e muitas vezes é algo incompreendido pela falta do exercício do pensar.

Fazer livros que possam abordar questões complexas e incitam as crianças e adolescentes a pensarem é um grande diferencial na cultura educacional, que em sua grande maioria faz o oposto, pois trazem conteúdos prontos, situações resolvidas, não há problematizações, não desafiam o pensamento, ou seja, não proporcionam reflexões significativas.

[...] o que não se pode perder, porém, é a capacidade de ficar espantado; essa perda nos leva a achar tudo muito óbvio e rotineiro, impedindo a admiração que conduz à reflexão criadora. É o famoso (e ambíguo) “parar para pensar” e, claro, admirar. É necessário não menosprezar a atitude inovadora daqueles que, como as crianças, ainda se admiram que as coisas sejam como são, em vez de fingir que espantoso seria se não fossem assim... (CORTELLA, 2006, p. 17).

As crianças são maravilhadas pelo o mundo que as cerca, a curiosidade pelo novo faz com que elas busquem conhecimento assim como os filósofos buscam a verdade. O espanto causado pela descoberta, muitas vezes intrigam os pequenos, fazendo com que o conhecimento seja construído de forma significativa.

O adulto e a criança enxergam a mesma situação de maneiras diferentes, pois o adulto já tem um pensamento formado e corrompido pela acomodação, já a criança tem o encantamento pelo novo, e nesse sentido, a curiosidade e o estímulo à reflexão filosófica devem ser exploradas desde o início da Educação Infantil. Mas para isso, é necessário um currículo não mecanizado, no qual a filosofia para crianças seja vivenciada na prática.

Falar em uma educação para o pensar bem, é debater também sobre a necessidade de uma melhoria na qualificação profissional do professor, pois é este quem irá mediar as possíveis situações de reflexão dentro de sala de aula. Capacitar o professor para desenvolver a filosofia para crianças é enriquecer a qualidade de ensino, pois o docente passa a enxergar seu aluno como um ator e não espectador da construção do seu conhecimento, e assim o

profissional precisa respaldar sua prática pedagógica em métodos e estratégias que busquem a autonomia e a criticidade do aluno.

De acordo com o documentário “Quando sinto que já sei” lançado em 2014, pode se observar que as crianças e adolescentes, conseguem ter a liberdade para construir seus conhecimentos de forma autônoma com apenas a mediação do professor para auxiliá-las. Nessa pesquisa iniciada por Antônio Sagrado há vários profissionais preocupados com a educação atual, que contribuem com suas ideias para reelaborar uma nova concepção de educação, entre os entrevistados no documentário a coordenadora de Educação Simone André, do Instituto Ayrton Senna, faz uma analogia comparando o professor e um médico cirurgião ela indaga da seguinte maneira,

Um médico do século XX entra numa sala de cirurgia do século XXI, ele consegue operar? Ele não consegue operar; ele mal consegue entender o que é que tem ali, onde é que está o paciente. Se um professor do século XX, ou XIX, entra na sala de aula do século XXI, ele vai achar muito diferente? Não vai. Ele vai ver ali a lousa, o giz, as carteiras enfileiradas, a lista de chamada, tudo conforme era no século XIX. A única coisa com a qual ele não contava era com a cabeça dos alunos do século XXI. E aí é que mora o conflito. A sala de aula do século XXI não é mais aquele quadrado; é praticamente um planeta, porque, com as novas tecnologias, o planeta é o espaço do aprendizado das pessoas (SAGRADO; LIMA; PEREZ; 2014).

O documentário aborda a resistência que as escolas têm diante de um novo modelo de educação, muitos acham a ideia de uma educação mais livre e autônoma ao aluno interessante, entretanto, colocam empecilhos quando são desafiadas a tentarem fazer adaptações, modificações, utilizam as mais variadas desculpas como “não temos tempo suficiente”, “vai causar desordem”, “não temos espaço”, ou seja, os limites não estão dentro das escolas, nos alunos, estão dentro das mentes das pessoas que são responsáveis pela educação, o medo deixou que as limitações imperassem sobre as suas ações.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) garante autonomia para que as escolas possam fazer suas modificações, elas não precisam seguir o modelo padrão se é respaldada pela lei, assim a escola pode passar a ser mais flexível e abrir espaço para novas concepções de educação. “Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público” (BRASIL, 1996).

Nessa perspectiva alguns profissionais da educação tendem fazer observações negativas diante do novo ao invés de fazer uma reflexão sobre os benefícios, pensam somente no trabalho que a mudança poderá acarretar, ou seja, estão acomodados e pensar dá trabalho, mas é aí que se percebe a falta da prática filosófica e um pensar de forma mais humana.

Um grande filósofo que abordava essa questão sobre a docência com um olhar mais humano era Paulo Freire, que por sua vez também era pedagogo e educador reconhecido por suas críticas que envolviam as esferas políticas, sociais, econômicas e educacionais.

Não posso desgostar do faço sob pena de não fazê-lo bem. Desrespeitando como gente no desprezo a que é regalada a prática pedagógica não tenho por que desamá-la e aos educandos. Não tenho por que exercê-la mal. A minha resposta à ofensa à educação é a luta política consciente, crítica e organizada contra os ofensores. Aceito até abandoná-la, cansado, à procura de melhores dias. O que não é possível é, ficando nela, aviltá-la com o desdém de mim mesmo e dos educandos (FREIRE, 2005, p. 67).

Assim como Lipman, Freire também defendeu uma educação com base na construção de conhecimento, e não em uma educação de transmissão, pois esse tipo de educação tem o professor como detentor do saber e não como mediador. Para ambos os teóricos a produção de conhecimento ocorre por meio da troca experiências e do diálogo. Segundo esses pensadores é por meio da interação que surgem as dúvidas e assim a criticidade do aluno será estimulada, para isso o professor precisa considerar a realidade que o aluno está vivenciando, não é a partir de um conteúdo pronto o qual o aluno desconhece que o professor conseguirá obter sucesso nas dialógicas.

No entanto, para que o professor obtenha êxito neste processo é essencial que o mesmo tenha uma habilidade crítica aguçada, pois como buscar educandos mais críticos e reflexivos, se o próprio docente não consegue se desprender de um sistema padrão de ensino e adquirir uma aptidão para a criticidade e autonomia.

É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 2005, p. 23).

Freire assim como Lipman tinha aversão para a educação tradicional, pois entendem que este tipo de educação ao invés de causar a evolução do ser, o aliena, o torna passivo, e apenas reproduz conteúdos, Paulo Freire a chamou de Educação Bancária. Essa educação tem o aluno como um depósito, o que importa é a quantidade de conteúdos que a criança absorve, ou seja, pouco importa se o conteúdo foi significativo, se tem ou não relação com a vida prática da criança, o que importa é que foi transmitido.

Nesse tipo de educação que ainda permanece de forma “mascarada” nos dias atuais não há espaço para questionamentos, crítica, opiniões ou qualquer outra ação que possa tornar o aluno mais ativo e participante na construção do seu conhecimento.

As crianças deveriam adquirir prática em discutir os conceitos que elas considerassem importantes. Fazer com que discutam assuntos que lhes são indiferentes priva-as dos prazeres intrínsecos de se tornarem educadas e abastece a sociedade com futuros cidadãos que nem discutem o que lhes interessa nem se interessam pelo que discutem (LIPMAN, 2001, p. 31).

De certa forma Freire utilizava a prática da filosofia de forma indireta já que esta não está explícita em suas afirmações, mas que em seus métodos de ensino assim como Lipman abordava a importância de colocar a educação como uma construção conjunta, no coletivo, priorizando o conhecimento que o aluno já possui como princípio de estudo, assim Paulo Freire (1987, p. 68), afirmava que, "não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes".

Para esse pensador a educação deveria ser problematizadora, o qual a prática educativa parte da ideia de que os sujeitos são capazes de agir sobre a sua realidade e assim transformá-la. De acordo com Freire (2005, p. 93), "não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais". Para uma educação de qualidade não cabe o depósito ou a transmissão de saberes, como em uma "educação bancária", mas sim o diálogo construtivo que propicia o desenvolvimento de um pensar crítico.

Paulo Freire, além de ter tido um grande destaque na área educacional, com feitos como a criação do Instituto Capibaribe, desenvolveu métodos para alfabetização, teve muitos cargos importantes como o de diretor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria, foi secretário da educação em São Paulo, ou seja, era um profissional de muitas graduações o qual foi reconhecido mundialmente.

Entretanto, Freire tinha tanto admiradores como pessoas que depreciavam seu trabalho justamente porque ele questionava as políticas públicas e educacionais no qual trazia intimidação aos governantes da época, pois não aceitava a passividade de um povo que acreditava em uma liberdade ilusória, colocava em situações embaraçosas o governo neoliberal diante da população oprimida. Freire tentava abrir os olhos das pessoas que achavam ter uma educação a seu favor, o que de fato era e ainda é de certa forma alienante, ele conseguiu alfabetizar com a ajuda de alguns professores trezentas pessoas em quarenta horas, mais conhecido como quarentas horas de Angico, isso acabou lhe custando à liberdade.

Os "conservadores", anti-populistas e a forças de "direita", civis e militares, sentiram ameaçadas suas posições e privilégios e, assim, reagiram. No golpe de abril de 1964, o PNA e todas as entidades que utilizavam o "Método Paulo Freire" foram extintas. Freire ficou preso (IV Exército - Recife) durante 70 dias, exilando-se, a seguir. Sua volta foi permitida, com a "abertura" do Estado Militar, depois de quinze anos! (SCOCUGLIA, 1999, p. 9).

Com isso é possível perceber que não é apenas nos dias atuais que o governo brasileiro se sente intimidado quando novos métodos e teorias educacionais que surgem para proporcionar aos cidadãos uma garantia de educação de qualidade. Isso permitiria uma oportunidade de mudança, visto que ainda é valorizada a concepção tecnicista de educação e permeia os currículos escolares, o que fortalece o crescimento econômico, esquecendo-se do indivíduo que trabalha como máquina para o enriquecimento do país e dos governantes, desumanizando o ser humano, tirando a essência de sua vida e escravizando com mão de obra barata sem se importar com sua evolução intelectual.

Mesmo que as críticas e os métodos freirianos foram direcionados a uma educação para um público mais adulto, e Lipman direcionou suas teorias para a área infantil, observa-se que o problema vem de uma amplitude relacionada à opressão causada tanto pela sociedade como pelos governantes, assim é possível pensar em uma Pedagogia do oprimido na ideia de infância oprimida. Pois mesmo na concepção de Lipman que não fez uma crítica diretamente às políticas educacionais, mas percebeu que houve falha na gestão que deixou de investir em um ensino de qualidade.

Assim como há falhas nas políticas educacionais, também existem falhas ao reconhecer a criança enquanto ser humano, mesmo com tantas evoluções a criança ainda é vista como um ser que precisa ser preparada para a vida adulta, que irá reproduzir a história e a cultura já construída por uma sociedade que há enxerga como espectadora e não protagonista, ou seja, um ser incapaz de criar, e nesse sentido a criança não é vista como sujeito histórico, mas como ser ingênuo inapto a compreender a si mesmo e o mundo em que vive.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais (BRASIL, 1998, p. 21).

É interessante observar que a maneira que se refere à criança é sempre sobre ela, nunca é diretamente a ela, a impressão é de que os estudos referentes à educação, desenvolvimentos, métodos, tudo é relacionado a uma fase algo que passa, sem valorizar o ser humano que vive dentro daquele corpo que apesar de pequeno vive, respira, pensa, crítica, tem sentimentos, emoções, ideias, ou seja, uma infinidade de características que existe da mesma forma em que existe o adulto.

Quando Freire ressaltou a importância de olhar o indivíduo enquanto ser humano e Lipman enfatizou a importância de relevar os pensamentos de uma criança, é pelo fato de se tratar do modo como referenciamos com distinção uma mesma espécie, somente estão em fases diferentes, mas não quer dizer que a criança não precisa ser valorizada ou ouvi-las.

Preparar a criança para um futuro não significa desprezar sua existência enquanto estiver na sua infância, não é apenas uma fase, é uma vida, ou então todos estão passando por uma fase e nada é relativo. Assim Freire (2005, p. 145), afirmou que, “como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista”.

Se observar o adulto pode se perceber que sempre que traz o mundo dele para a criança, nas vivências, brincadeiras, a referência é ao mundo do adultizado, e o universo de uma criança não é considerado “correto” pelo adulto, utilizam de ações recorrentes de correções, ou seja, é como se o adulto estivesse sempre que estar no controle, sempre é o que ensina e o que dá conselhos. E por que não ouvir um conselho de uma criança ao se deparar com um problema? Muitas das vezes as crianças têm soluções melhores por ter uma capacidade de refletir fora dos padrões impostos e moldados pela sociedade, um dos maiores problemas quanto a essa questão é o preconceito, a autoridade, a sensação de poder sobre a criança, faz com que o adulto se afaste cada vez mais da relação de troca, e se aproxima da “superioridade” em relação à criança. As Diretrizes Curriculares Nacionais dizem que a criança é,

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Nas teorias com o passar do tempo à criança é colocada como o centro, mas ao analisar pode se perceber que ela é sempre um projeto para o futuro, ela precisa aprender para o amanhã, não que isso não seja necessário, estar preparado é algo positivo, entretanto considerar o hoje também é importante.

[...] a infância não significa apenas uma etapa cronológica da existência humana. Ela é uma condição para que o próprio homem continue a viver, transformando, no cotidiano, a não-fala em língua e discurso capazes de colocá-lo na situação de criador de cultura (NETO; ALVES; SILVA, 2011, p. 52).

A partir da reflexão citada, utilizar a filosofia como exercício de sua prática é um meio de fazer com que a criança compreenda a importância da sua existência, a cada dia, desde a

infância, isso irá estimular a sua capacidade de entender o seu lugar na sociedade, que é tão importante quanto qualquer outra etapa de vida.

Nesse sentido a filosofia para crianças pode ser essencial para uma mudança que vai influenciar na sociedade como um todo, desde ações políticas, sociais, econômicas, culturais, educacionais, ou seja, considerar a criança e respeitá-la como um cidadão ativo e participante é investir no futuro. Se houver limitação de credibilidade na capacidade da criança e em sua formação, é o mesmo que limitar as futuras políticas educacionais, que formarão outras e assim sucessivamente, é preciso uma educação que traga evolução sem que esta perca a valorização e a essência de cada ser humano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo proporcionou a reflexão sobre a educação tradicional no Brasil, no qual a maioria da população não adquiriu o hábito de questionar, pensar, criticar, ou seja, somos praticamente conduzidos à passividade, a abaixar a cabeça e aceitar tudo, pois a maioria da população vive em um senso comum “fazem porque fazem”, e não procuram saber o porquê fazem. Percebemos que apesar das mudanças que existiram ao longo da história, ainda nos dias atuais a escola mantém seus alunos como ouvintes, mesmo tendo avançado, obtido novas teorias, métodos, podemos perceber o quanto as crianças e adolescentes são passíveis de questionamentos.

A ideia de inserir a filosofia desde a Educação Infantil é para proporcionar um bom convívio social desde muito cedo, mostrando para as crianças a importância do diálogo, de saber ouvir, de argumentar, compartilhando princípios e valores, já que essa atitude nos dias atuais tem sido um papel “abraçado” pela escola, que no qual deveria ser feito pela família, mas infelizmente essa é a realidade que temos.

Desde pequenos somos críticos, questionadores, criadores, mas infelizmente somos moldados pela sociedade como os políticos que temem a evolução intelectual por medo de que o ser humano aprenda a pensar, e reivindiquem seus direitos. Às vezes o bloqueio vem dos próprios familiares que não aceitam que seus filhos o questionem, porque acham que estão perdendo a autoridade, entre várias situações que limitam a criança de uma forma tão conservadora, que a faz se reprimir diante de seus pensamentos e de sua capacidade de expandir reflexivamente.

Ao pensar em colocar a filosofia para as crianças, podemos analisar a que dimensão isso afetaria se uma criança tiver a liberdade de se expressar poderíamos então ter outro modelo de sociedade. Teríamos cidadãos críticos na hora de voto, que vão pensar antes de

trocar seu voto por dinheiro ou qualquer premiação, serem pessoas capazes de reivindicar as suas direitos, como não aceitar a corrupção em seu país, não acreditar em tudo o que aparece na mídia como verdade absoluta, formar cidadãos leitores, ativos, capaz de promover a mudança e evoluir intelectualmente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação Infantil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 04 nov. 2017.

_____. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume1.pdf>> Acesso em: 04 nov. 2017

BRUNER, Jerome. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001;

_____. **O Processo da Educação**. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

_____. **Realidade Mental, Mundos Possíveis**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

CANDIOTTO, Kleber Bez Birolo. **Fundamentos Epistemológico da Teoria Modular da Mente de Jerry A. Fodor**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v31n2/07.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2017.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2010.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não Nascemos Prontos: Provocações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FERREIRA, Patrícia V. P. **Relações Entre Aprendizagem e Desenvolvimento: A Abordagem de Jerome Bruner**. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:kMKbhJU1fccJ:scholar.google.com/+RELA%C3%87%C3%95ES+ENTRE+APRENDIZAGEM+E+DESENVOLVIMENTO:+A+ABORDAGEM+DE+JEROME+BRUNER&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 08 set. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2005.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **A Filosofia Para Crianças e Jovens e as Perspectivas Atuais de Educação**. (In: KOHAN, Walter O. LEAL, Bernardina. (org.) *Filosofia para Criança em Debate*. Vol. 4 Petrópolis: Vozes, 2000.).

KOHAN, Walter O. & WAKSMAN, Vera (Org.) **Filosofia Para Crianças, na Prática Escolar**. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1999.

LELEUX, Claudine (Org.). **Filosofia Para Crianças: o modelo de Matthew Lipman em discussão**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M.; OSCANYAN, F.S. **A Filosofia na Sala de Aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à Escola**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1990.

_____. **O Pensar na Educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____. **Natasha: Diálogos Vygotskianos**. Porto Alegre: Artes médicas, 2002.

MATTHEWS, Gareth B. **A Filosofia e a Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NETO, Elydio dos Santos; ALVES, Maria Leila; SILVA, Marta Regina. **Por uma pedagogia da infância oprimida: as crianças e a infância nas obras de Paulo Freire**. EccoS – Rev. Cient, São Paulo, n. 26, p. 37-58, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/715/71522347003/>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

NOLTE, Dorothy; HARRIS Rachel. **As Crianças Aprendem o Que Vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

PHILOSLETERA. **Objetivos do Instituto de Filosofia e Educação para o Pensar - IFEP**. Disponível em: <http://www.philosletera.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=86&Itemid=126>. Acesso em: 15 out. 2017

PINKER, Steven. **Como a Mente Funciona**. 2. ed. São Paulo: Schwaecz, 2001.

QUANDO Sinto Que Já Sei. Direção: Antônio Sagrado, Anderson Lima e Raul Perez. Produção: Antônio Sagrado, Raul Perez e Anielle Guedes. São Paulo (SP). Despertar Filmes, 2014. 78 minutos.

ROLDÃO, Maria do Céu. **O Pensamento Concreto da Criança: uma perspectiva a questionar no currículo**. Lisboa Instituto de Inovação Educacional, 1994.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A História das Idéias de Paulo Freire e a Atual Crise de Paradigmas**. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

SHARP, Ann. Introdução. (In: KOHAN, Walter O. & WUENSCH, ANA M.(Org.) **Filosofia para Crianças**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1998.).

SILVA, Catherine Young. Introdução à edição brasileira. (In: LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à Escola**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1990).

YVOTSKY, Lev Semenovitch. **A Formação da Mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Pensamento e Linguagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.